

Sarney tenta conter boatos

ESTADO DE SÃO PAULO

CARLOS CHAGAS

Vai ser difícil o governo resistir ao clima generalizado de intranquilidade e de boatos que, desde segunda-feira, varrem Brasília de alto a baixo, envolvendo a permanência ou a substituição do ministro Dilson Funaro. Ontem pela manhã, circulou como certa a informação de que o ministro da Fazenda entregara carta de demissão irrevogável ao presidente José Sarney, tendo recebido apelo para ficar ao menos enquanto o presidente de Portugal, Mário Soares, se encontrasse em território brasileiro. O Palácio do Planalto desmentiu a hipótese, pelo porta-voz, e o próprio presidente pediu ao líder do PMDB na Câmara, Lutz Henrique, para se pronunciar negando-a com ênfase. Isso porque, segundo corria, teria sido o parlamentar, numa reunião da bancada de Santa Catarina, a anunciar a carta de exoneração de Funaro.

Ao mesmo tempo, cruzavam-se informações variadas. Estaria partindo da assessoria mais íntima e pessoal do presidente José Sarney uma espécie de tentativa de erosão do ministro da Fazenda, de modo a levá-lo à renúncia em poucos dias ou semanas. No máximo, em um mês. Desses setores teria partido a notícia da elaboração de um novo plano econômico para o País, pela dupla Pérsio Arida-Lara Resende. Funaro, surpreendido, chegou a confirmar a elaboração do plano, "do qual ele também estaria participando", mas os jovens pais do Plano Cruzado o desmentiram. Disseram haver recebido pedido do chefe do governo, nesse sentido, mas negaram-se, porque, para eles, plano já existe. Só que não foi cumprido ao longo do segundo semestre do ano passado, por razões políticas.

O presidente Sarney estava tenso, nas oportunidades em que apareceu em público, ontem, da posse do novo ministro do Planejamento, Antbal Teixeira, ao almoço oferecido pelo governador José Aparecido ao presiden-

te Mário Soares. Cercado de seus ministros, manteve fisionomia séria e preocupada. As pessoas que o abordaram, negou a iminência da substituição do ministro Funaro e considerou normal a substituição, sem data prevista, de alguns ministros.

A reforma ministerial está em andamento, esperando-se para o final da semana ou o começo da próxima a substituição de José Hugo Castelo Branco, da Indústria e Comércio, provavelmente por Ralph de Biase, indicado pelo governador Orestes Quércia. Admite-se a saída de outros ministros, como Dent Schwartz, do Desenvolvimento Urbano; Roberto Santos, da Saúde; Dante de Oliveira, da Reforma Agrária; e Iris Rezende, da Agricultura. Essas mudanças não se fariam de uma só vez, mas gradativamente, no correr do mês de abril. Seriam nomeados ministros de maior representatividade política e partidária.

O PMDB agitou-se como nunca, diante dos rumores sobre a saída de Funaro, e, especialmente, a respeito de um boato complementar. Falava-se da possibilidade de Marclio Marques Moreira, embaixador do Brasil em Washington, ser chamado para o Ministério da Fazenda. A ala esquerda peemedebista insurgiu-se e levou a Ulysses Guimarães o nome de José Serra, hoje deputado federal. Ou a alternativa de Fernando Henrique Cardoso, nome defendido pelo presidente do Senado, Humberto Lucena. A palavra de ordem, no PMDB, era de que, dessa vez, o partido não pode ficar de fora nem ser posto a reboque. Ou o presidente altera sua equipe de acordo com a maior força parlamentar que o apóia ou o apoio começará a ser revisto. Ulysses, por sua vez, saía pela tangente, dizendo ter estado inúmeras vezes com Sarney, desde segunda-feira, sem ter ouvido o menor sinal da substituição de Dilson Funaro.

MAIS FUNARO NA PÁGINA 28

26 MAR 1987